



REDE
TEMPO
BRASIL



UNIVERSIDADE
DE PERNAMBUCO

Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Discursos heteronormativos na Revista *Querida* (1994)^I

Ana Paula Galvão de Meira^{II}

Maithê Alexandre Calegari^{III}

Nilton André Batista Faria^{IV}

Resumo: Este artigo apresenta alguns resultados das discussões teóricas realizadas no componente curricular *Gênero e História*, ofertado no segundo semestre de 2022 na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Por meio da análise de revistas caracterizadas como “femininas”, intentamos identificar os discursos heteronormativos diluídos nas páginas que compõem as edições publicadas entre 1990 a 1999. Para este trabalho, selecionamos duas matérias publicadas no ano de 1994, em que os títulos integram o editorial “Especial” da revista *Querida*.

Palavras-chave: Discursos heteronormativos; Revistas femininas; Gênero.

Heteronormative discourses in Revista *Querida* (1994)

Abstract: This article presents some results of the theoretical discussions carried out in the curricular component Gender and History, offered in the second half of 2022 at the Federal University of Mato Grosso do Sul. Through the analysis of magazines characterized as "feminine", we try to identify the diluted heteronormative discourses in the pages that make up the editions published between 1990 and 1999. For this work, we selected three articles published in 1994, in which the titles are part of the editorial "Special" by *Querida* magazine.

Keywords: Heteronormative discourses; Women's Magazines; Gender.

Introdução

Em agosto de 1992, uma onda de rostos pintados de verde e amarelo ocupou as ruas e se destacou, principalmente na mídia impressa. Na revista *Carinho*, uma “irmã” ideológica da *Querida*, meses após o *impeachment* de Fernando Collor de Mello, estreou uma nova seção no editorial chamada *O grito da galera*, que tinha em sua premissa ser: “[...] uma página inteirinha para você escrever o recado que bem entender. Chocante, né?!”.^V A primeira publicação da seção, demonstrava uma categoria diferente dos conteúdos que décadas após décadas, permeavam as páginas das revistas “femininas”^{VI}:

Quando nasci, em 74, na capital Brasília, o Brasil estava completando 10 anos de ditadura. Indo para Campos, interior do Rio de Janeiro, com menos de 1 ano de idade, lá cresci e abri os olhos para a vida. Só que até hoje, não consigo saber qual das duas cidades era a mais alienada em relação ao que acontecia no país naquela época... Na capital, a população sofria pela alienação dos políticos em relação à realidade daquele período. No interior, a 20 horas de Brasília, a situação não era outra. Vivi assim mais de 10 anos, até que em 85, se não cheguei a conhecer a verdadeira democracia com a Nova República de Sarney, ao menos comecei a sacar o que era legalidade. Sim, porque de democracia verdadeira mesmo, eu e o resto de minha geração nascida na ditadura, só vimos os últimos 3 anos de nossa história: um

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

tempo em que enfim, nos conscientizamos da real condição do nosso país, entendendo também as vantagens da liberdade de expressão. Mesmo assim, continuamos a ser chamados de geração coca-cola. Não!! Vestindo jeans, camisetas e tênis, há poucos meses, minha geração conseguiu mostrar que de coca-cola não tem é nada [sic]. Saímos às ruas contra o esquema Collor, fomos o estopim de seu afastamento, e até ganhamos o apelido de caras-pintadas. Viva! Deixamos a cômoda posição de espectadores das tragédias brasileiras e partimos para a luta. Mostramos que juntos podemos ser uma bomba atômica. E agora, minha galera jovem? Não podemos parar: no Brasil, existem muitos outros impeachments a serem detonados. Vamos continuar com a ação!! Nós não somos o futuro do país: SOMOS O PRESENTE. Portanto, sou eu e você que temos que seguir lutando pelo que é necessário. Lembrem Cazuza: “... O tempo não pára!!”^{VII}

A negação da autora/leitora em ser vinculada à *geração coca-cola*^{VIII}, por ser uma definição categórica da inércia política dos/das jovens é válida, porém o *grito da galera* destoa do restante dos artigos inseridos no editorial, protagonizados por homens e mulheres na posição de colunistas, consultores/as e especialistas. Embora com o espaço temporal decorrido de quarenta anos, as revistas “femininas” da década de 1990 do século XX mantiveram a fórmula para seu público: pequeno manual do comportamento feminino.

Existe uma nostalgia, moderadamente velada, às práticas socioculturais dos/das adolescentes que viveram e experienciaram a década de 1990 do século XX. Levianamente omitidos pelos embaraços da memória, por vezes, negligenciamos que no Brasil esse período esteve marcado pelo desejo de liberdade: política, cultural, econômica e sexual.

A diminuição da censura, modelo predominante durante os anos da ditadura civil-militar (1964-1985), possibilitou a circulação demasiada de produtos culturais, os quais exploravam os conflitos cotidianos inerentes à adolescência. Seguindo o padrão das publicações voltadas para as jovens entre 10 a 20 anos, as revistas “femininas” transbordavam em suas páginas as dúvidas, os medos e os desejos “femininos” por meio de matérias especiais, testes e listas infundáveis sobre moda e comportamento para “todas” as garotas.

Folhear e ler revistas “femininas” adolescentes, após 30 anos de suas publicações e circulação original, faz parte da nostalgia moderadamente velada supracitada. No entanto, a revista *Querida*, como outras publicações do gênero (*Capricho*, *Carinho*) não foi um produto da década de 1990 do século XX. Com a primeira edição publicada em 1953 pela *Rio Gráfica Editora*, pertencente ao Grupo *Globo*, no Rio de Janeiro, a *Querida* alcançou circulação nacional com seus 24 números anuais. Conforme apontado por Carla Bassanezi Pinsky, as primeiras publicações de *Querida* continham artigos sobre família, comportamento, decoração, moda e beleza, culinária e cultura a partir de artistas de rádio e cinema, ou seja, conteúdos articulados no âmbito dos “assuntos femininos”.^{IX}

Laura Peretto Salerno e Maria Teresa Santos Cunha pontuam sobre a relação existente entre os conteúdos tematizados e direcionados para mulheres letradas de classe média localizadas, principalmente, nas capitais brasileiras e os preceitos educacionais das escolas brasileiras no início do século XX. Para as autoras:

O discurso presente nas páginas de *Querida* (1958-1968) reforçava os princípios difundidos pelas escolas do período, como a prática de leitura, os benefícios alcançados com as atividades físicas, os cursos de corte e costura, bordados e culinária. Tudo isso marcado por uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que era promovida a necessidade de a mulher modernizar-se, estudar, ler, era também enfatizada a ideia da moça casadoira, ligada à casa e à maternidade.^X

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

Os temas que compunham as seções da *Querida*, embora pudessem parecer variados, não ultrapassaram os limites de classe, gênero e raça experienciados nas relações socioculturais do Brasil da década de 1950/1960 do século XX. Quarenta anos após a publicação original, a que público estava destinado os modelos de comportamento da década de 1990? Baseando-se nesse questionamento, selecionamos duas edições do ano de 1994 da revista *Querida*, em que é perceptível a orientação moralizante dos discursos heteronormativos, nos ditames de uma heterossexualidade compulsória^{XI}.

Amor, estranho amor: a heteronormatividade nas páginas da Querida

Analisar o discurso e os efeitos da heterossexualidade compulsória, diluídos em revistas “femininas” consumidas pelo público adolescente^{XII}, tornou-se uma tarefa desafiadora. Há alguns caminhos possíveis para esta análise, e na disciplina de *Gênero e História*, optamos por mesclar diferentes perspectivas teóricas dos estudos de gênero. Assim, embora possa parecer contraditório, elencamos algumas contribuições das teorias feministas das últimas décadas.

A partir da análise de Ochy Curiel, e seus apontamentos no texto *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*, tencionamos nossa problematização em questionar se os editoriais da seção “Especial Querida” foram forjados pela colonialidade do poder. Para a antropóloga afro-dominicana:

As propostas decoloniais, em suas diferentes expressões, oferecem um pensamento crítico para entendermos a especificidade histórica e política de nossas sociedades. Partindo de paradigmas não dominantes que mostram a relação entre modernidade ocidental, colonialismo e capitalismo, elas questionam as narrativas da historiografia oficial e mostram como se configuraram as hierarquias sociais.^{XIII}

Assim, entendemos os problemas do ponto de vista teórico, em que utilizamos da perspectiva decolonial apenas como chave de leitura epistemológica^{XIV}, porém, nos colocamos como sujeitas e sujeito produtores de conhecimento na constituição geopolítica do colonialismo, e que coadunam suas intenções “[...] a necessidade de afirmação corpo-geopolítica para a produção de conhecimento como estratégia para desarmar essa ‘bomba cultural’ [...]”.¹⁵

A “bomba cultural” da qual os autores introduzem a temática da coletânea *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico* organizada por eles, faz referência ao escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o, que assimila o particularismo do conhecimento hegemônico ao universalismo catastrófico de uma bomba, aniquiladora das subjetividades.^{XVI}

Partindo dessa observação, buscamos historicizar a influência das revistas “femininas” na estruturação e percepção da heterossexualidade como natural e inquestionável, configurando como um dos engendramentos da colonialidade do poder/saber, conforme apontado por Maria Lugones:

“Colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas reações intersubjetivas.^{XVII}

Se como teorizou a socióloga argentina María Lugones, a colonialidade não se limita apenas à multifacetação racial, nossa perspectiva de análise estará alinhada aos efeitos da

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

colonialidade na sexualidade, por meio dos discursos heteronormativos da *Querida*.

Em 04 de janeiro de 1994, chegou às bancas a edição número 61 de *Querida*, com Camila Pitanga, aos 16 anos, estampando a capa. No sumário, o editorial preparou para suas leitoras, o panorama temático daquele exemplar, em pleno verão de 94':

“Um doce fat...niente, sem culpa nenhuma.” Obrigada, Rita Lee, somente seus versos para traduzir esse janeiro ensolarado. Enfim, férias! Ainda bem que elas chegaram, você já devia estar no osso. Vai menina, é hora de aproveitar! Mas não perca o pique nem a sua última gotinha de gás. Querida descolou exercícios que relaxam o corpo e a mente, pra você “vagabundear” numa boa. Claro, o visual também precisa estar *in* na temporada de praia. Dê um trato no pezinho, e pise bonito na areia. Agora, nada de mesmice. Amarre o alto-verão com criatividade na sua canga. E transe um acessório para arrasar de vez! Vale a pena todo esse realce, viu? Porque o que tem de colírio por aí, não é normal. A gente fez a mochila e armou a barraca no Rio de Janeiro - a redação também merece um refresco. Uau! Nossa lente flagrou cada “sorvetinho” de derreter...Estamos falando dos gatinhos do surfe (nacionais e internacionais). É só curtir! Afinal, nesses 30 dias, vamos conjugar esse verbo com você! Beijão, Berta.^{xviii}

Para Paula Miranda-Ribeiro e Ann Moore (2003), as revistas são uma das formas pelas quais as adolescentes são apresentadas e ensinadas os papéis de gênero. Como uma “irmã” mais velha, ela irá demonstrar o que é permitido ou não para uma jovem mulher, o que se espera dela, e “[...] como ela deve ou não se comportar, sobretudo com relação ao sexo oposto.”^{xix}

Tal premissa está presente na mensagem da editora para as leitoras de *Querida*, a qual assina como *Berta*^{xx}. Os jogos de palavras e a mensagem convidativa para as jovens aproveitarem o verão, coadunam com a perspectiva de análise ora expressada, do discurso heteronormativo presente nas revistas adolescentes. Desse modo, acreditamos ser necessário observarmos a construção discursiva, por meio das páginas da revista, como nos demonstra Paula Miranda-Ribeiro e Ann Moore:

A mídia oferece símbolos, mitos e recursos usados para construir uma cultura comum, que situa os indivíduos na sociedade. As revistas femininas são textos sociais que participam da construção da percepção acerca do que é ser mulher, sugerindo formas de pensar sobre elas mesmas e tipos de estilos de vida, sugestões estas que são processadas ativamente pelas leitoras, de acordo com suas experiências pessoais. Narrativas, um formato comum nas revistas, juntam informação, atitudes e valores de maneira a convidar os leitores a se identificarem com os personagens e imitarem o comportamento exibido.^{xxi}

O “Especial” que compõem a edição 61 da *Querida* é assinado por Gláucia Leal^{xxii}, e tem como título da matéria *Especial Homossexualismo*^{xxiii}: *Amor, estranho amor - a atração por outra garota não é motivo para pânico*. Embora integre a revista como a principal matéria da edição, o editorial não enquadra-se como uma reportagem e sim, um artigo de opinião. Além dos discursos emergentes dos saberes autorizados^{xxiv} da medicina, os excertos de depoimentos de leitoras que passaram pela experiência de “apaixonar-se” por alguém do mesmo sexo, ganham maior destaque. Os subtítulos do editorial norteiam os caminhos que a leitora percorreria, caso esta estivesse com dúvidas sobre sua sexualidade: *A tendência é buscar na amiga nosso lado feminino; Até os 14 anos preferimos as amigas; Nada de querer segurar a barra sozinha*. Em um dos trechos da matéria, encontramos o saber autorizado por parte da enfermeira Maria Helena Brandão, a qual é apresentada como Orientadora Sexual do Instituto Kaplan^{xxv}, em São Paulo. A autora da matéria, Gláucia Leal, escreve que a enfermeira atende

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

frequentemente moças e rapazes com “a cabecinha cheia de dúvidas a respeito de sua identidade masculina e feminina”. A própria enfermeira destaca: “Existe uma fase de homossexualismo emocional na vida da gente, mais ou menos entre os 10 e 14 anos, quando queremos estar apenas com amigos do mesmo sexo.”^{XXVI}

A ideia de desejo e atração por alguém do mesmo sexo, logo é encarada como admiração, nivelando tal certame a algo “natural” da fase de descobertas adolescentes. Para salientar esta premissa, a matéria destaca:

Certas meninas transportam, inconscientemente, para uma amiga aquilo que entendem como modelo de feminilidade. Assim, a outra passa a ser um espelho em que as garotas copiam o jeito de se vestir, portar e até sonhar. E, mesmo sem querer, a gente termina procurando em quem está por perto a imagem da mulher que gostaríamos de ser. Essa “projeção”, como chamam os psicólogos, acontece quase sempre de forma natural, muitas vezes sem que a gente perceba.^{XXVII}

O modelo de feminilidade salientado na matéria, configura como o heteronormativo. No entanto, para a psicanalista Maria Rita Kehl, a linguagem precede os indivíduos, sendo um fator determinante nas formulações discursivas sobre o ser/sujeito/a social. Como destacado por ela: “[...] ‘homem’ e ‘mulher’ são os primeiros significantes que nos designam assim que chegamos ao mundo, antes de qualquer possibilidade de escolha, antes que o *infans* se constitua em sujeito do desejo.”^{XXVIII}

As atribuições e significações identitárias “destinadas” aos indivíduos, são inerentemente associadas ao provir biológico: “[...] designado pelo órgão sexual circunscrito no corpo que nasce, o qual torna-se dicotomicamente masculino ou feminino, no momento em que há a manifestação do sexo.”^{XXIX}

O sexo inventado, como apontado por Thomas Laqueur^{XXX}, é histórico e localizável no tempo. Verifica-se que desde o século XVIII, havia a crença predominante de que existiam: “[...] dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses ‘fatos’.”^{XXXI} Tal corpo biológico, não-histórico e sexuado, tornou-se o aliado precedente para a formulação das condutas específicas de homens e mulheres na ordem social. Assim, como salientado pelo teórico: “Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou o outro de dois sexos incomensuráveis.”^{XXXII} Desse modo, podemos refletir que o sexo, antes do século XVII, produzia uma funcionalidade sociológica, não relacionando-se categoricamente com uma abordagem ontológica.

A abordagem histórica da invenção do sexo, produzida pelo historiador norte-americano, tornou-se nas últimas décadas um pilar teórico para os estudos de gênero. Conforme pontuado por ele: “[...] só houve interesse em buscar evidência de dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, quando essas diferenças se tornaram politicamente importantes.”^{XXXIII}

Nesse ínterim, coadunamos a análise sobre a invenção do sexo com a construção da feminilidade enfatizada e da masculinidade hegemônica. Como historiadoras e historiador, buscamos evidenciar as transformações de caráter político e ideológico que fomentaram a diferença sexual e, conseqüentemente, a idealização da mulher feminina nas páginas da revista *Querida*.

De mulher pra mulher...a feminilidade enfatizada nas páginas da Querida

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

Em novembro de 1994, chegava às bancas a edição de número 84 da *Querida*, com a atriz Deborah Secco estampando a capa. Apresentando o editorial, a editora executiva Berta S. Amor pontua o que as leitoras iriam encontrar naquele exemplar:

Quando o ano começou, os entendidos em “bola de cristal” disseram que 1994 seria bárbaro para as mulheres! A razão? A proteção dos orixás femininos. Bem, pra nós da redação, a previsão foi certa. Daí, resolvemos homenagear a parte que nos toca, mostrando como anda a cabeça das garotas. E a conclusão foi ótima: estamos cada vez mais especiais. Confira na superpesquisa [sic] que realizamos. Agora, não adianta mudar a cabeça e esquecer do corpo. Por isso, bolamos um teste em que você vai saber qual é o esporte que mais tem a ver com o seu pique. Com tudo em cima, sobra mais tempo para ficar de olho nos gatos. Sabe aquela história que eles inventam: “A gente se vê por aí” ou “Vamos dar um tempo”, por exemplo? Querida decifra tudo, nesta edição, pra você não entrar em furada. E, já que estamos falando de meninos, olha só quem está recheando a revista mais gostosa do Brasil: Fábio Assunção, Andrew Shue, Rodrigo Santoro, Dean Cain e Fred Savage. Comovente! Beijão, Berta.^{XXXIV}

O discurso heteronormativo novamente está diluído nas páginas da revista *Querida*, reforçando a existência de uma única identidade feminina, a qual é heterossexual e potencializada na feminilidade. No editorial especial deste volume, assinado por Rosane Queiroz^{XXXV}, a reportagem se constrói a partir da pesquisa elaborada com 100 garotas, entre 13 e 22 anos. O título da matéria *Especial: De mulher pra mulher... Chegou a nossa vez!*^{XXXVI}, enfatiza o caráter biológico e natural das questões pontuadas e que, necessariamente, seriam específicas do gênero feminino.

Rosane Queiroz, jornalista responsável pela matéria especial, escreveu com a consultoria da psicoterapeuta Denise Aparecida Albanese. De forma introdutória à reportagem, encontra-se o seguinte texto:

Casar? Um dia. Há tantas coisas pra se fazer antes! Mas, em nome do amor, vale quase tudo. Numa relação, o sentimento fala mais alto que a grana. Porém, o garoto deve, de preferência, pagar a conta, ceder a vez, mandar flores... Virgem ele não precisa ser, mas, depois do casamento, tem que lavar louça e dar aquela força na faxina! É mais ou menos por aí. A mulher conquistou muitos espaços, pensa mais em si própria, e também exige melhor desempenho do homem, como companheiro. Ao mesmo tempo, continuamos umas românticas incuráveis, esperando que várias iniciativas partam deles. Oh, céus! Será que saímos da mesma fornada de nossas avós? Claro que não, mas ainda temos algo em comum...^{XXXVII}

Como salientado no início deste trabalho, o Brasil da década de 1990 foi atravessado por uma onda juvenil desejosa de liberdade política, cultural, econômica e sexual. No entanto, o discurso que encontramos nas páginas da *Querida* desse período, nos aponta para uma transformação cultural sutil, sem rupturas alarmantes ao *status quo* da sociedade vigente. A pesquisa produzida pela revista, a partir das entrevistas com garotas entre o fim da infância e início da vida adulta, de certo modo, prospecta o caráter geracional de temas inerentes ao gênero feminino. As perguntas foram divididas por categorias: amor, drogas, homossexualismo, amizade, gravidez, sexo^{XXXVIII}, machismo, casamento e futuro.

Em relação ao *Amor*, a pergunta norteadora foi: Você é capaz de qualquer coisa por amor? 52% das entrevistadas responderam sim, 30% das entrevistadas responderam não e 18% das entrevistadas responderam depende. Para ilustrar os percentuais, a edição escolheu quatro depoimentos:

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

“Tudo vale a pena, desde que você não se desrespeite como pessoa.” Caroline, 16 anos. “De jeito nenhum. Já fiz várias loucuras, mas nenhuma valeu a pena.” Juliana, 19 anos. “Largo tudo. Pra [sic] outras coisas existe uma segunda chance, mas um amor de verdade não pinta duas vezes.” Cristiana, 21 anos. “Depende. Se o cara for do tipo que manda flores e abre a porta do carro, é um caso a pensar...” Juliana, 18 anos.^{XXXIX}

Evidenciamos que a pauta das relações heteronormativas e a afirmação das funções sociais de gênero, são reproduzidas pelas entrevistadas. Como apontado pela historiadora norte-americana Joan W. Scott, o gênero é: “[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”^{XL}. Ao associar gênero com o exercício do poder, Joan W. Scott demonstrou que, para utilização deste conceito que possui sua complexidade, se faz necessário visualizar e perceber como tais definições - masculino/feminino - homem/mulher - atuam como forças sociais e de poder, as quais constroem as relações de gênero. Será através dos discursos normativos relacionados ao masculino e feminino, que as representações e identidades sociais serão produzidas.^{XLI}

Em relação ao tema *Homossexualismo*, a matéria utiliza do caráter pejorativo às relações lésbicas, com o enunciado “Mulher com mulher dá jacaré”. Conforme apontado na pesquisa, 100% das entrevistadas possuem a posição contrária ao “homossexualismo feminino”, constando a seguinte afirmação: “Nada contra, desde que não mexa comigo”. A pergunta norteadora, sobre a pauta da homossexualidade feminina foi: Qual seria sua reação se fosse cantada por uma garota? Para elucidar a afirmação que, a maioria das jovens recusam qualquer probabilidade de uma relação lésbica, a matéria salientou os seguintes depoimentos:

“Saía fora, na hora: ‘Dá licença que meu negócio é homem.’ Cintia, 19 anos. “Meu [sic], eu ia ficar muito sem jeito. Tentaria disfarçar e chamar a amiga mais próxima.” Danielle, 17 anos. “Tive uma amiga que ‘era’. Quando percebi que ela estava se apaixonando, cortei relações.” Priscila, 22 anos. “Ficaria chocada, pasma, sem reação.” Márcia, 15 anos.^{XLII}

A edição que traz esta pesquisa como eixo principal da matéria especial, é posterior à edição analisada anteriormente, que destacava a homossexualidade feminina como mera “admiração” entre amigas, evidenciado que a “normalidade” é o desejo heterossexual. Conforme apontado por Charlotte Witt, a normatividade social é atributiva, ou seja, as definições de *ser homem* e *ser mulher* emergem através de um aglomerado de normas e características, as quais são definidas como apropriadas ou não para as funções sociais que cada sexo está destinado a desempenhar na sociedade.^{XLIII}

A filósofa estadunidense Judith Butler têm sido o nome recorrente nos últimos anos quando o assunto é estudos de gênero. Sua perspectiva sobre esta categoria de análise, influenciada pela contribuição interdisciplinar de Michel Foucault, têm como marco o livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* publicado no Brasil em 2003.

Judith Butler busca romper com a ideia essencialista do gênero (mulher/feminino - homem/masculino) e, assim como na categoria de identidade^{XLIV} problematiza tal conceito como sendo algo mutável e contínuo, o qual está constantemente se construindo e se transformando. A filósofa subverte a própria concepção de gênero, quando problematiza a categoria mulher – alicerce do movimento feminista. Para Judith Butler, embora haja o esforço em ampliar a categoria mulher para mulheres, a singularidade identitária desse sujeito

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

permanece limitando a identificação dos indivíduos que não compartilham das expectativas de gênero.

Judith Butler formula alguns conceitos, que servem de chave de leitura para os estudos de gênero. Podemos, entre eles, destacar o conceito de performance. Para a filósofa, demarcar que o gênero se constrói de modo performático significa pensá-lo como prática discursiva. Assim, entendemos que o gênero se faz em processos, os quais produzem e são produzidos, não se constituindo como uma identidade fixa e inalterável, que se manifesta a priori ao sujeito. Desse modo, o gênero se produz na performance.

Para a autora: “[...] não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performativamente construída pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.”^{XLV} Judith Butler analisa a categoria gênero, reiterando que são os atos performativos responsáveis pela indução e normatização da sexualidade. A partir desta reflexão, a teórica nos instiga a pensarmos as experiências vivenciadas em uma sociedade heteronormativa, a qual estabelece esta manifestação performática como modelo.

Ocorreu durante esse processo de modernização do mundo ocidental, a designação do sexo biológico como demarcador fundamental das diferenças de gênero, “[...] passando assim a compreensão da diferença de comportamentos masculinos e femininos a ser elaborada tendo por base o dimorfismo sexual.”^{XLVI}

Essa expectativa da performance do gênero, está amparada nos editoriais de revistas voltadas para o público feminino. O tópico da pesquisa sobre *Casamento*, considerou que 100% das entrevistadas o colocaram como uma prioridade de vida e, dentre os trechos selecionados para ilustrar tal percentual, há o seguintes destaques:

“Tenho vontade de constituir uma família, não quero ficar solteirona.” Tatiana, 13 anos. “Atualmente, as mulheres não deixam a carreira profissional pra [sic] casar. Antes, só pensavam nisso.” Gisela, 14 anos. “Toda mulher quer casar. As que dizem que não, estão fazendo tipo.” Liliane, 18 anos.^{XLVII}

Joana Maria Pedro, analisando as relações de gênero em Desterro/SC, no início do século XX, pontuou que o casamento consistia em uma preocupação para a maioria das mulheres, independente da classe social, pois, a partir do casamento ou da união consensual, subentendia-se uma forma legítima das mulheres exercerem sua sexualidade.^{XLVIII} A fala das entrevistadas, selecionadas para comporem o editorial, nos parece um indicativo de que o casamento permanece como o espaço legítimo para o exercício da sexualidade.

Ao finalizar a matéria, a jornalista insere o título “Perdas e Ganhos”, apresentando um retrospecto raso e elitista sobre as conquistas de direitos das mulheres nas últimas décadas:

Antigamente, a mulher quase não saía de casa sozinha. Enquanto o marido trabalhava fora, via gente diferente, ela ia no máximo na casa da vizinha ou à quitanda da esquina. Não tinha muito com quem trocar ideias, mesmo porque as amigas viviam do mesmo jeitinho que elas. Graças ao bom Deus, os tempos mudaram. Quando entrou para o mercado de trabalho, a mulher acordou da “anestesia”. Mais informada, passou a questionar seu modo de viver e agir. Desde então, o saldo ficou positivo, no sentido da palavra. Dona da própria grana, não dependia mais do sexo oposto pra se sustentar. Foi aí que o homem precisou pegar esse bonde, e mudar também. Que jeito? Porém, ganhamos em espaço, perdemos em conforto. Hoje a gente estuda, trabalha, e sabe que, quando casar, vai ter que se desdobrar em dez para conciliar tantas tarefas. Por isso, ainda temos certas recaídas, como esperar que homens sejam amantes à moda antiga, peçam pra namorar, enfim, nos ajudem a segurar essa onda. Da mesma forma, eles a-do-ram quando a garota tem um pezinho na cozinha...E assim caminha a humanidade. Misturando o passado com o presente, e evoluindo, juntos!^{XLIX}

MEIRA, A. P. G.
 CALEGARI, M. A.
 FARIA, N. A. B.

Considerações finais

Nestes artigos de opinião, os quais se mesclam com as subjetividades das leitoras da revista, é perceptível a deslegitimação da lesbianidade, ora colocando como algo repulsivo, ora como mera confusão de sentimentos e admiração por outras mulheres. Na onda das publicações do gênero da década de 1990, os conteúdos expressam a patologização da homossexualidade e a vinculação existente entre as relações homoafetivas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

As revistas femininas, a exemplo da revista *Querida* trabalhada aqui neste artigo, ao longo do tempo, desempenhou um papel significativo na definição e reforço da heteronormatividade como um padrão predominante para as mulheres. Tais publicações, constantemente evidenciaram as relações heterossexuais como o ideal/natural, promovendo estereótipos de gênero tradicionais e expectativas sociais.

É evidente nos depoimentos dados à revista, uma influência significativa da heteronormatividade sobre as mulheres, moldando suas vidas de várias maneiras e aspectos. Além disso, as revistas femininas historicamente destacam padrões estéticos e comportamentais, os quais estão em conformidade com as normas heteronormativas, reforçando a ideia de que a feminilidade e o sucesso pessoal estão intrinsecamente ligados à adesão a esses modelos.

Esse enfoque restritivo não apenas limita a diversidade de vivências femininas, mas também perpetua um ambiente que pode ser alienante para mulheres que desafiam as convenções de gênero e orientação sexual. Desafiar esse padrão é crucial para promover a diversidade e a igualdade nas vivências das mulheres como sujeitas sociais, donas de suas próprias narrativas e livres de quaisquer amarras ideológicas.

Notas

Este texto contém reflexões presentes em trabalhos anteriores de uma das autoras. Para a leitura completa, verificar: MEIRA, Ana Paula Galvão de. *Me quiseram rosa, subjugarão meus espinhos: mulheres rés e relações de gênero na Comarca de Castro, Paraná (1840-1890)*. Tese (Doutorado em História). Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2021.

2. Doutora em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professora substituta no colegiado de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) unidade Campo Grande/Moreninhas.

3. Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina (UFMS/CPNA).

4. Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina (UFMS/CPNA). Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/FAED).

5. RIO DE JANEIRO. *Revista Carinho*. Editorial. Fevereiro/Março, número 191, 1993.

6. Seguindo as colocações de Caetana de Andrade Martins Pereira, a terminologia revistas “femininas” é deveras problemática, pois categoriza estas publicações como sendo sobre mulheres. No entanto, a própria autora ressalta que os temas e conteúdos inseridos nas publicações e possuem tal definição comum, não referem-se a “assuntos de mulheres” ou “femininos”, mas sim: “[...] performam uma imagem de mulher e de feminilidade que dizem representar.” Sobre a discursividade de gênero em periódicos de público feminino, verificar: PEREIRA, Caetana de Andrade Martins. Heterossexualidade compulsória: uma análise de modos de subalternização na revista *Jornal das Moças. História, Histórias*. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015, p. 151-163.

7. RIO DE JANEIRO. *Revista Carinho*. O grito da galera. (Texto enviado pela leitora Débora Loureiro Lima, de 18 anos, Campos/RJ). Bloch Editores. Fevereiro/Março, número, 191, p. 34, 1993.

DISCURSOS HETERONORMATIVOS NA REVISTA *QUERIDA* (1994)

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

8. Referência à música homônima escrita por Renato Russo (1960-1996) e interpretada pela banda Legião Urbana, *Geração Coca-Cola* (1985) foi categorizada como canção de protesto ao imperialismo estadunidense e a ausência da participação política dos/das jovens nascidos durante a ditadura civil-militar brasileira.
9. (PINSKY, 2014).
- ¹⁰. (SALERNO, CUNHA, 2011, p. 129).
- ¹¹. A definição conceitual de heterossexualidade compulsória aqui utilizada, baseia-se na contribuição epistemológica de Adrienne Rich e sua utilização por outras teóricas feministas, como a antropóloga social afro-dominicana Ochy Curiel.
12. Não configura como objetivo do texto explicar a circularidade cultural das edições aqui analisadas.
- ¹³. (CURIEL, 2020, s/p.).
- ¹⁴. As teorias decoloniais são um campo epistêmico recente, o qual, tem fomentado embates acadêmicos sobre a utilização desenfreada e/ou desincorporada dos princípios inerentes ao movimento sociopolítico que o retroalimenta.
15. (GROSFOGUEL, et. al, 2020, p. 13).
16. (GROSFOGUEL, et. al., 2020).
- ¹⁷. (LUGONES, 2020, p. 50)
- ¹⁸. RIO DE JANEIRO. *Querida*. Vem cá. Ano V - número 61, 04 de janeiro de 1994.
19. (MIRANDA-RIBEIRO; MOORE, 2003, p. 06)
- ²⁰. A editora executiva das edições aqui analisadas aparece nos créditos de cada edição como Berta S. Amar.
21. (MIRANDA-RIBEIRO; MOORE, 2003, p. 06).
22. Durante a produção deste artigo, não encontramos informações adicionais sobre a formação e atuação da responsável pela matéria especial.
23. A despatologização da homossexualidade também é histórica, pois o “homossexualismo” era categorizado como patologia. Incluído na lista de doenças mentais, em 1974 foi retirado da categoria de doença mental pela Associação Americana de Psiquiatria. Em 1993, deixou de integrar a Classificação Internacional de Doenças (CID) número 10, sendo estabelecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a homossexualidade como característica da sexualidade humana, tanto quanto a heterossexualidade. Mesmo com a alteração histórica e a despatologização da homossexualidade, as duas edições de 1994 de *Querida* aqui analisadas, referenciam o termo “homossexualismo” em suas matérias.
24. Utilizamos da expressão saberes autorizados, buscando ampliar a ideia de “saber” na perspectiva de Michel Foucault (1926-1984), o qual destacou que o conhecimento é construído a partir das relações de poder. “O poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (FOUCAULT, 2010, p. 30) .
25. No decorrer da escrita deste artigo, encontramos poucas informações sobre a atuação do instituto, citado na matéria. Conforme nossa pesquisa, trata-se de uma Organização Não Governamental, ativa desde 1991, e voltada para a educação sexual de adolescentes, principalmente na prevenção da gravidez na adolescência.
26. RIO DE JANEIRO. *Querida*. Especial Homossexualismo: muito além da amizade. Ano V - número 61, 04 de janeiro de 1994.
27. *Ibidem*.
28. (KEHL, 1998, p. 11).
29. (MEIRA, 2021, p. 48)
30. (LAQUEUR, 2019)
31. (LAQUEUR, 2019, p. 18-19)
32. *Ibidem*.
33. *Ibidem*, p. 21.
34. RIO DE JANEIRO. *Querida*. Vem cá. Ano VI, número 84, 22 de novembro de 1994.
35. Atuou como jornalista da Editora Globo durante o período de 1994 a 2009.
36. A chamada da matéria especial continua com o seguinte enunciado: O que será que a gente anda pensando?! *Querida* foi procurar saber. Falamos com um montão de meninas, sobre amor, sexo, casamento, garotos, futuro... Confira os resultados.
37. RIO DE JANEIRO. *Querida*. De mulher pra mulher...Chegou a nossa vez!. Ano VI, número 84, 22 de novembro de 1994.
38. No item “sexo” há o adendo “AIDS”, porém, sem o enunciado de uma pergunta específica sobre o tema. Consta a porcentagem referente ao uso de preservativo durante o ato sexual. Conforme apresentado na matéria: “92% das garotas não topariam uma transa sem o preservativo, de jeito nenhum. 8% disseram não precisar, porque só transam com o namorado, e ambos são fiéis. Será que dá pra confiar?”

MEIRA, A. P. G.
 CALEGARI, M. A.
 FARIA, N. A. B.

39. RIO DE JANEIRO. *Querida. De mulher pra mulher...Chegou a nossa vez!*. Ano VI, número 84, 22 de novembro de 1994, p. 06-07.
40. (SCOTT, 1995, p. 14).
41. (MEIRA, 2019, p. 322).
42. *Ibidem*, p. 08.
43. (KUHNEN *apud* WITT, 2013, p. 410).
44. A concepção do sujeito da modernidade tardia dialoga com a perspectiva de gênero que se funda em processos históricos, relacionados a configurações políticas e sociais. Tal visão recusa o essencialismo e, desse modo, desnaturaliza condições sociohistóricas que foram biologizadas no decorrer dos séculos. Verificar: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
45. (BUTLER, 2003, p. 48)
46. (RINALDI, 2015, p. 71)
47. RIO DE JANEIRO. *Querida. De mulher pra mulher...Chegou a nossa vez!*. Ano VI, número 84, 22 de novembro de 1994, p. 14.
48. (PEDRO, 1994, p. 56).
49. RIO DE JANEIRO. *Querida. De mulher pra mulher...Chegou a nossa vez!*. Ano VI, número 84, 22 de novembro de 1994, p. 14.

Fontes

RIO DE JANEIRO. *Revista Carinho*. O grito da galera. Bloch Editores. Fevereiro/Março, número, 191, p. 34, 1993.

RIO DE JANEIRO. *Querida*. Especial Homossexualismo: muito além da amizade. Ano V - número 61, 04 de janeiro de 1994.

Referências bibliográficas

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.

CUNHA, Maria Tereza Santos.; SALERNO, Laura Peretto. Discursos para o feminino em páginas da revista *Querida* (1958-1968): aproximações. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 40, p. 127-139, abr./jun. 2011.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 121-138.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. (Coleção obras de Michel Foucault). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LAQUEUR, Thomas Walter. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de

MEIRA, A. P. G.
CALEGARI, M. A.
FARIA, N. A. B.

Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar, 2020.

MEIRA, Ana Paula Galvão de. *Me quiseram rosa, subjugaram meus espinhos: mulheres rés e relações de gênero na Comarca de Castro, Paraná (1840-1890)*. Tese (Doutorado em História). Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2021.

_____. Identidade e Gênero - considerações teórico-metodológicas. In: IV Ciclo de Debates Mulheres na Sociedade Contemporânea e II Encontro Corpo, Gênero e Diversidade, 2019, Francisco Beltrão. *Anais do IV Ciclo de Debates Mulheres na Sociedade Contemporânea e II Encontro Corpo, Gênero e Diversidade*, 2019. p. 314-323.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula; MOORE, Ann. Papéis de gênero e gênero no papel: uma análise de conteúdo da revista *Capricho*, 2001-2002. *Textos para Discussão Cedeplar-UFMG*. Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1994.

PEREIRA, Caetana de Andrade Martins. Heterossexualidade compulsória: uma análise de modos de subalternização na revista *Jornal das Moças*. *História, Histórias*. Brasília, vol. 1, n. 5, 2015, p. 151-163.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

RINALDI, Alessandra de Andrade. *A sexualização do crime no Brasil: um estudo sobre a criminalidade feminina no contexto das relações amorosas (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2015.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Educação, v.20, n. 2, p. 71-99, jul-dez, 1995.

WITT, Charlotte. *The Metaphysics of Gender*. New York: Oxford University Press, 2011.